

Best seller do *New York Times*

“Único, diferente de tudo que se vê por aí... Leia!”

Tammara Webber, autora de *Easy*

# Essa garota

(Slammed 3)



COLLEEN HOOVER

## Obras da autora publicadas pela Galera Record

---

Série Slammed

*Métrica*

*Pausa*

*Essa garota*

Série Hopeless

*Um caso perdido*

C O L L E E N H O O V E R

# Essa garota

(Slammed 3)

*Tradução*

Priscila Catão

1ª edição

— **Galera** —

Rio de Janeiro | 2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

H759e

Hoover, Colleen

Essa garota [recurso eletrônico] / Colleen Hoover ; tradução Priscila Catão. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2014.

recurso digital (Slammed ; 3)

Tradução de: This girl

Sequência de: Pausa

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-06890-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Catão, Priscila. II. Título. III.

Série.

14-15705

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

*Slammed: This Girl*

Copyright © 2013 by Colleen Hoover

Publicado mediante acordo com a editora original, Atria Books, um selo da Simon & Schuster Ltda.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-06890-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*Para minha mãe.*

## **a lua de mel**

Se eu pegasse todos os poemas românticos, todos os livros, todas as músicas e todos os filmes que já li, escutei ou vi, extraísse os momentos mais empolgantes de cada um e os juntasse de alguma forma, eles não seriam nada em comparação a esse momento.

Esse momento é incomparável.

Ela está deitada de lado, virada para mim, o cotovelo debaixo da cabeça e a outra mão acariciando a minha, que está parada entre nós na cama. Seu cabelo está esparramado no travesseiro, caindo nos ombros e pescoço. Ela está fitando os próprios dedos, que fazem círculos na minha mão. Já faz quase dois anos que a conheço, e jamais a tinha visto tão contente. Ela não está mais carregando sozinha o peso que foi sua vida nos últimos dois anos, e isso é notável. Quase como se, no momento em que dissemos “sim” no dia anterior, os sofrimentos e as mágoas que enfrentávamos como indivíduos tivessem se misturado, tornando nossos passados mais leves e fáceis de carregar. De agora em diante, serei capaz de fazer isso por ela. Caso haja mais fardos, vou poder carregá-los *por* ela. É tudo o que sempre quis fazer por essa garota desde o primeiro instante em que a vi.

Ela olha para mim e sorri, depois dá uma risada e enterra o rosto no travesseiro.

Eu me inclino para ela e a beijo no pescoço.

— Está rindo de quê?

Ela levanta a cabeça do travesseiro; as bochechas num tom vermelho-escuro. Balança a cabeça e ri.

— Da *gente* — diz ela. — Só se passaram 24 horas, e já perdi a conta.

Beijo sua bochecha escarlate e rio.

— Não aguento mais contar, Lake. Já fiz contagens regressivas demais para uma vida só. — Passo o braço ao redor de sua cintura e a puxo para cima de mim. Quando ela se inclina para me beijar, o cabelo cai entre nós. Estendo o braço até o criado-mudo para pegar o elástico, torço suas mechas para formar um coque e as prendo. — Pronto — digo, puxando o rosto dela para perto do meu mais uma vez. — Melhorou.

Ela fez questão de que tivéssemos roupões nos quartos, mas até agora não os usamos uma vez sequer. Sua camisa feia está no chão desde que a joguei ali na noite anterior. Nem preciso dizer que essas foram as melhores 24 horas de minha vida.

Ela beija meu queixo e vai levando os lábios até meu ouvido.

— Está com fome? — sussurra.

— Não de comida.

Ela se afasta e sorri.

— Ainda temos mais 24 horas aqui, sabia? Se quer continuar seguindo meu ritmo, é melhor recarregar as energias. Além disso, a gente acabou não almoçando hoje, não sei por quê. — Ela rola para longe de mim, estende o braço para o criado-mudo e pega o cardápio de serviço de quarto.

— Nada de hambúrguer — digo.

Ela revira os olhos e ri.

— Você nunca vai esquecer isso. — Ela dá uma olhada no cardápio, levanta-o e aponta para ele. — Que tal bife Wellington? Sempre quis

provar isso.

— Parece bom — afirmo, aproximando-me dela. Layken pega o telefone para ligar para o serviço de quarto. Enquanto está na ligação, beijo suas costas de cima para baixo, obrigando-a a conter as risadas para manter a compostura enquanto faz o pedido. Ao desligar o telefone, ela desliza para baixo de mim e puxa as cobertas por cima de nós.

— Você tem vinte minutos — sussurra ela. — Acha que dá conta?

— Só preciso de dez.

O bife Wellington não desapontou. O único problema foi que ficamos cheios e cansados demais para nos mexer. Ligamos a televisão pela primeira vez desde que carreguei Lake para dentro do quarto, então acho que posso afirmar que teremos um intervalo de no mínimo duas horas.

Nossas pernas estão entrelaçadas, e a cabeça dela está no meu peito. Estou passando os dedos pelo seu cabelo e acariciando seu pulso com a outra mão. Por algum motivo, essas coisas triviais, como ficar deitado na cama vendo televisão, se tornam um tanto empolgantes quando estamos tão emaranhados assim.

— Will? — Ela se apoia no cotovelo e olha para mim. — Posso perguntar uma coisa? — Ela alisa meu peito e depois pousa a mão no meu coração.

— Dou doze voltas na pista de corrida da faculdade e faço cem abdominais duas vezes ao dia — digo. Ela ergue a sobrancelha, então aponto para minha barriga. — Não ia perguntar sobre meu abdômen?

Ela ri e me dá um murro de brincadeira.

— Não, não ia perguntar sobre seu *abdômen*. — Ela se inclina e beija minha barriga. — Mas ele é bonito *mesmo*.

Aliso sua bochecha e a faço olhar para mim novamente.

— Pode me perguntar qualquer coisa, linda.

Ela suspira, abaixa o cotovelo e deita a cabeça no travesseiro mais uma vez, encarando o teto.

— Você se sente culpado às vezes? — pergunta ela baixinho. — Por estar se sentindo tão feliz?

Eu me aproximo dela e apoio o braço em sua barriga.

— Lake. Nunca se sinta culpada. É exatamente isto que eles iriam querer para você.

Ela olha para mim e abre um sorriso forçado.

— Eu sei que é o que eles gostariam. Mas é que... Não sei. Se eu pudesse desfazer tudo o que aconteceu para tê-los novamente ao meu lado, nem pensaria duas vezes. Mas, se fizesse isso, nunca teria conhecido você. Então me sinto culpada de vez em quando porque...

Pressiono meus dedos nos lábios dela.

— Shh — digo. — Não pense assim, Lake. Não pense no *e se*. — Eu me inclino e beijo sua testa. — Mas, se ajuda em alguma coisa, entendo o que está dizendo. Só que não adianta nada pensar nisso. As coisas são como são.

Ela segura minha mão e entrelaça nossos dedos, levando-os até sua boca e beijando o dorso de minha mão.

— Meu pai teria adorado você.

— Minha mãe teria adorado *você* — digo.

Ela sorri.

— Só vou falar mais uma coisa sobre o passado e prometo que paro com isso. — Ela olha para mim com um sorriso sutilmente malicioso. — Fico muito feliz por você ter levado um pé na bunda daquela vaca da Vaughn.

Dei uma risada.

— Nem me fale.

Ela sorri e solta os dedos dos meus. Vira-se para mim na cama e me olha. Puxo sua mão até minha boca e beijo a palma.

— Você acha que teria se casado com ela?

Rio e reviro os olhos.

— Sério, Lake? Quer mesmo falar sobre isso agora?

Ela sorri um pouco encabulada para mim.

— Só estou curiosa. Nunca conversamos direito sobre o passado. Agora que sei que você não vai a lugar algum, me sinto mais à vontade para falar sobre isso. Além do mais, tem muitas coisas sobre você que quero saber — diz ela. — Tipo o que sentiu quando ela terminou daquela maneira.

— Isso é um assunto estranho para conversar na nossa lua de mel.

Ela dá de ombros.

— Só quero saber tudo sobre você. Já vou ter seu futuro, agora quero conhecer seu passado. — Ela abre um sorriso. — Nós temos umas duas horinhas para matar antes que sua energia se recarregue completamente. O que mais podemos fazer?

Estou cansado demais para me mexer e, por mais que finja não estar contando, nove vezes em 24 horas deve ser algum recorde. Deito de barriga para baixo, coloco um travesseiro debaixo do queixo e começo a contar minha história para ela.

## o fim do namoro

— Boa noite, Caulder.

Apago a luz, esperando que ele não saia outra vez da cama. É nossa terceira noite a sós aqui. Ontem à noite ele estava morrendo de medo de dormir sozinho, então deixei que dormisse comigo. Espero que não se torne um hábito, mas eu entenderia perfeitamente se isso acontecesse.

Ainda não consigo assimilar tudo o que aconteceu nas últimas duas semanas, muito menos as decisões que tomei. Espero estar fazendo a coisa certa. Sei que meus pais querem que a gente fique junto, só acho que não vão gostar de me ver abdicando da bolsa de estudos por causa disso.

*Por que fico me referindo a eles usando o presente?*

Isso vai ser mesmo uma adaptação. Vou até meu quarto e me jogo na cama. Estou cansado demais até mesmo para estender o braço e desligar o abajur. Assim que fecho os olhos, escuto alguém bater de leve na porta.

— Caulder, você vai ficar bem. Volte para a cama — digo, me arrastando de alguma maneira para fora da cama, querendo convencê-lo a voltar para seu quarto. Ele conseguiu dormir sozinho por sete anos, então sei que é capaz de fazer isso novamente.

— Will?

A porta se abre, e Vaughn entra. Não fazia ideia de que ela vinha para cá hoje, mas fico agradecido que esteja ali. Ela parece saber exatamente quando eu mais preciso de sua companhia. Vou até ela, fecho a porta do quarto e a abraço.

— Oi — digo. — O que está fazendo aqui? Achei que ia voltar para a faculdade hoje.

Ela põe as mãos nos meus antebraços e os empurra para trás, abrindo

o sorriso mais cheio de pena que já vi. Aproxima-se de minha cama e se senta, evitando fazer contato visual.

— A gente precisa conversar.

Seu olhar faz um calafrio percorrer minha nuca. Nunca a vi tão preocupada assim. Sento-me imediatamente ao lado dela na cama, levo sua mão até minha boca e a beijo.

— O que há de errado? Você está bem? — Coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha no mesmo instante em que suas lágrimas começam a cair. Eu a abraço e a puxo para meu peito. — Vaughn, o que foi? Me conte.

Ela não diz nada. Continua chorando, então dou um tempo a ela. Às vezes, as garotas só precisam chorar. Quando as lágrimas finalmente começam a parar, ela endireita a postura e segura minhas mãos, mas continua sem me encarar.

— Will... — Ela hesita. A maneira como diz meu nome, o tom de sua voz... Meu coração entra em pânico. Ela me observa, mas não consegue sustentar o olhar e logo vira o rosto.

— Vaughn? — digo, hesitante, na esperança de estar interpretando as coisas erroneamente. Ponho a mão em seu queixo e faço com que ela olhe na minha direção. O medo na minha voz está bem nítido quando pergunto: — O que está fazendo, Vaughn?

Ela parece quase aliviada por eu ter percebido suas intenções. Então, balança a cabeça.

— Sinto muito, Will. Sinto muito mesmo. É que não consigo mais fazer isso.

As palavras dela me deixam totalmente chocada. *Isso?* Ela não consegue mais fazer *isso?* Quando foi que a gente se transformou em *isso?* Não respondo. Afinal, o que eu poderia responder?

Ela percebe meu choque, então aperta minha mão e sussurra novamente:

— Sinto muito mesmo.

Eu me afasto e me levanto, virando de costas para ela. Passo as mãos pelo cabelo e respiro fundo. De repente, a raiva que está crescendo dentro de mim passa a ser acompanhada por lágrimas que não quero que ela veja.

— Não esperava que nada disso acontecesse, Will. Sou nova demais para ser mãe. Não estou pronta para esse tipo de responsabilidade.

Ela vai mesmo fazer isso. Está mesmo terminando comigo. Só se passaram duas semanas desde que meus pais morreram, e ela vai partir meu coração mais uma vez? Quem *faz* esse tipo de coisa? Ela não está pensando direito. É apenas o choque... só isso. Eu me viro para encará-la, sem me importar que ela veja o quanto isso está me afetando.

— Eu também não esperava nada disso — digo. — Tudo bem, você só está assustada. — Eu me sento na cama ao lado dela e a puxo para perto de mim. — Não estou pedindo para que seja mãe dele, Vaughn. Não estou pedindo para que seja *nada* agora. — Abraço-a com mais força e pressiono os lábios em sua testa, algo que a faz voltar a chorar imediatamente. — Não faça isso — sussurro no cabelo dela. — Não faça isso comigo. Não agora.

Ela vira a cabeça para o lado.

— Se eu não fizer isso agora, nunca mais vou ser capaz de fazer.

Ela se levanta e tenta ir embora, mas eu a puxo para perto e ponho os braços ao redor de sua cintura, pressionando minha cabeça em sua barriga.

— *Por favor.*

Ela passa as mãos pelo meu cabelo e no meu pescoço, curva-se para a frente e beija o topo de minha cabeça.

— Estou me sentindo péssima, Will — sussurra ela. — *Péssima*. Mas não posso viver uma vida que não estou pronta para viver só porque sinto pena de você.

Pressiono a testa em sua camisa e fecho os olhos, assimilando as palavras.

Ela está com *pena* de mim?

Solto meus braços e empurro sua barriga. Ela afasta as mãos e dá um passo para trás. Eu me levanto e vou até a porta do quarto, abrindo-a para indicar que ela precisa ir embora.

— A última coisa que quero é que sinta pena de mim — digo, olhando-a nos olhos.

— Will, não — implora Vaughn. — Por favor, não fique com raiva de mim.

Ela me olha com lágrimas nos olhos. Quando ela chora, seus olhos ficam com um tom azul-escuro e enevoado. Eu dizia que eles tinham exatamente a mesma cor do mar. Olhar nos olhos dela nesse momento quase me faz *odiar* o mar.

Eu me viro e seguro os dois lados da porta, pressionando a cabeça na madeira. Fecho os olhos e tento me conter. Parece que a pressão, o estresse, as emoções que têm se acumulado dentro de mim nas últimas duas semanas... parece que vou explodir.

Ela põe a mão no meu ombro delicadamente, tentando me consolar. Mexo o ombro para que tire a mão e me viro para ela mais uma vez.

— Duas *semanas*, Vaughn! — grito. Percebo que gritei alto demais então abaixo a voz e me aproximo dela. — Eles morreram faz *duas semanas*! Como é que pode pensar em *você mesma* agora?

Ela passa pela porta e segue para a sala. Eu a acompanho enquanto ela pega a bolsa no sofá e vai até a porta da casa. Ela a abre e se vira para mim

antes de sair.

— Um dia vai me agradecer por isso, Will. Sei que agora não parece ser a coisa certa, mas um dia você vai perceber que estou fazendo o que é melhor para nós dois.

Ela se vira para sair, e eu grito:

— O que é melhor para *você*, Vaughn! Você está fazendo o que é melhor para *você*!

Assim que a porta se fecha após ela sair, perco o controle. Corro para meu quarto, bato a porta, me viro e a esmurro várias vezes, cada vez com mais força. Quando não consigo mais sentir a mão, aperto os olhos e pressiono a testa na porta. Tive de assimilar tanta coisa nas últimas duas semanas — não sei como lidar com isso também.

O que diabos aconteceu com minha *vida*?

Após um tempo, volto para a cama e me sento com os cotovelos nos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos. Minha mãe e meu pai estão sorrindo e me observando, presos no porta-retratos de vidro que fica no criado-mudo. Observando tudo o que aconteceu nas últimas duas semanas ir acabando aos poucos comigo.

Por que eles não estavam mais preparados para algo assim? Por que correriam o risco de me deixar com todas essas responsabilidades? A falta de preparo dos dois me custou a bolsa de estudos, o amor da minha vida e agora, muito provavelmente, meu futuro inteiro. Agarro o porta-retratos e coloco os dedos por cima da foto. Usando toda a força, fico pressionando até o vidro rachar entre as pontas de meus dedos. Depois que ele se despedaça — assim como minha vida — jogo o corpo para trás e arremesso o porta-retratos na parede à minha frente com toda a força possível. A moldura se quebra ao meio ao colidir com a parede, e os cacos de vidro se espalham pelo carpete.

Quando estou me virando para desligar o abajur, a porta do quarto se abre novamente.

— Vá embora de uma vez, Vaughn. *Por favor.*

Ergo o olhar e vejo Caulder parado na porta, chorando. Parece apavorado. É a mesma expressão que tenho visto com frequência desde que nossos pais morreram. É a mesma expressão de quando dei um abraço de despedida nele no hospital, obrigando-o a ir embora com nossos avós. É a mesma expressão que parte meu coração toda vez que a vejo.

É uma expressão que faz com que eu recupere o controle imediatamente.

Enxugo os olhos e gesticulo para que ele se aproxime. Após ele fazer isso, eu o envolvo com os braços e o puxo para meu colo, abraçando-o enquanto ele chora baixinho em minha camisa. Eu o balanço para a frente e para trás e aliso seu cabelo. Beijo-o na testa e o puxo mais para perto.

— Quer dormir comigo de novo, amigão?

## a lua de mel

— Nossa — diz Lake, sem acreditar. — Que vaca egoísta.

— Pois é. Ainda bem — digo. Coloco as mãos atrás da cabeça e olho para o teto, imitando a posição de Lake na cama. — Engraçado como a história quase se repetiu.

— Como assim?

— Pare para pensar. Vaughn acabou nosso namoro porque não queria ficar comigo só porque sentia pena de mim. *Você* terminou comigo porque achava que eu estava com *você* por pena.

— Não terminei com você — diz ela, na defensiva.

Rio e me sento na cama.

— Até parece que não! Suas palavras exatas foram: “Não me importo se precisar de dias, semanas ou meses.” Isso é terminar o namoro.

— Não é. Eu estava dando tempo para você pensar.

— Um tempo de que eu não precisava. — Eu me deito novamente no travesseiro e me viro para ela. — Pareceu mais um fim de namoro.

— Bem — diz ela, olhando para mim. — Às vezes duas pessoas precisam se separar para perceber o quanto precisam ficar juntas.

Seguro sua mão, coloco-a entre nós dois e depois a acaricio com o dedão.

— A gente não vai se separar de novo — sussurro.

Ela me olha nos olhos.

— Nunca.

Há uma certa vulnerabilidade na maneira como ela me olha em silêncio. Os olhos examinam meu rosto, e sua boca forma um sorriso tímido. Ela não fala nada, mas nem precisa. Nesses momentos, quando somos apenas eu e ela e mais nada, sei que ela me ama de verdade, do fundo da alma.

— Como foi a primeira vez que me viu? — pergunta ela. — O que viu em mim que fez você me convidar para sair? E me conte tudo, até mesmo os pensamentos ruins.

Rio.

— Não teve nenhum pensamento ruim. Pensamentos *sórdidos*, talvez. Mas ruins, não.

Ela sorri.

— Então pode me contar esses também.

## a apresentação

Seguro o telefone no ouvido com o ombro e acabo de abotoar a camisa.

— Prometo, vovó — digo ao telefone. — Vou direto do trabalho na sexta. Chegamos aí às cinco horas da tarde, mas agora estamos atrasados, preciso ir. Amanhã eu ligo.

Ela se despede, e eu desligo o telefone. Caulder anda pela sala com a mochila pendurada no ombro e um capacete de plástico verde na cabeça, imitando um soldado. Ele sempre tenta levar acessórios aleatórios para a escola. Na semana passada, quando fui deixá-lo, ele saiu do carro antes que eu percebesse que estava com um coldre.

Estendo o braço, tiro o capacete de sua cabeça e o jogo no sofá.

— Caulder, vá entrando no carro. Preciso pegar minhas coisas.

Caulder sai de casa, e eu pego todos os papéis que estão espalhados no balcão. Fiquei acordado até depois de meia-noite dando notas. Comecei a dar aula há apenas oito semanas, mas estou começando a entender por que há poucos professores. Enfio a pilha de papéis no fichário, guardo-o na bolsa e saio de casa.

— *Ótimo* — murmuro assim que vejo o caminhão de mudança da U-Haul dando ré do outro lado da rua. É a terceira família que se muda para aquela casa em menos de um ano. Não estou a fim de ajudar ninguém com caixas novamente, muito menos após ter dormido apenas quatro horas. Espero que descarreguem tudo antes de eu voltar para casa hoje ou então vou acabar me sentindo na obrigação de ser solidário. Eu me viro, tranco a porta e ando depressa até o carro. Ao abrir a porta, vejo que Caulder não está lá dentro. Solto um gemido e jogo minhas coisas no banco. Ele sempre escolhe as piores horas para brincar de esconde-

esconde; já estamos dez minutos atrasados.

Olho para o banco de trás, na esperança de ele estar se escondendo no chão mais uma vez, mas o vejo na rua. Está rindo e brincando com outro garotinho que parece ser da sua idade. *Isso é bom*. Se ele tiver um vizinho com quem brincar, talvez me deixe em paz com mais frequência.

Grito o nome dele, e o U-Haul chama minha atenção mais uma vez. A garota que o está dirigindo não deve ser mais velha que eu e, mesmo assim, está dando ré no U-Haul com bastante confiança, sem ajuda alguma. Eu me encosto no carro e decido ficar observando a tentativa dela de colocar aquela coisa entre os duendes de jardim. Vai ser interessante.

Logo percebo que estou errado, pois ela não demora a estacionar na entrada da casa. Em vez de saltar do caminhão para ver como parou, ela desliga o motor, abaixa a janela e apoia a perna no painel.

Não sei por que essas pequenas atitudes me parecem estranhas. Ou até mesmo *intrigantes*. Ela tamborila os dedos no volante, depois levanta a mão e puxa o cabelo, soltando o rabo de cavalo. O cabelo se espalha pelos ombros, e ela massageia a cabeça, balançando as mechas.

*Caraca.*

O olhar dela se fixa nos garotos brincando na rua entre nós, e minha curiosidade fala mais alto. Será que ela é irmã dele? Mãe dele? Ela não parece ter idade suficiente para ser mãe daquele garoto, mas do outro lado da rua não dá para ver tão bem assim. E por que continua sentada dentro do caminhão da U-Haul?

Percebo que a estou encarando há vários minutos quando alguém aparece num jipe e estaciona ao lado dela.

— *Por favor, não pode ser nenhum homem* — sussurro em voz alta para mim mesmo, esperando que não seja um namorado. Ou, pior ainda, um

*marido.*

*E por que eu me importaria, hein?* A última coisa que preciso no momento é de uma distração. Especialmente de alguém que mora do outro lado da rua.

Solto um suspiro de alívio ao ver que a pessoa que sai do jipe não é um homem. É uma mulher mais velha, talvez a mãe. A mulher fecha a porta e aproxima-se do senhorio, que está na porta da casa, para cumprimentá-lo. Antes que eu possa me convencer a não fazer alguma coisa, ando na direção da casa. De repente, bateu uma vontade de ajudar com a mudança dos vizinhos. Atravesso a rua, incapaz de desviar os olhos da garota no U-Haul. Ela está observando Caulder e o outro garoto brincarem, e não olhou na minha direção uma vez sequer. Não sei o que ela tem que está me atraindo para perto. Aquela expressão no rosto dela... Parece triste. E, por alguma razão, não gosto disso.

Estou parado no lado do carona do U-Haul, encarando-a pela janela, praticamente em transe. Não a estou encarando porque ela é atraente, pois é *mesmo*. É por causa do seu olhar. Da *profundidade* dele. Quero saber o que ela está pensando.

Não, *preciso* saber o que ela está pensando.

A menina olha pela janela do motorista, diz alguma coisa para os garotos e abre a porta. De repente, percebo que estou prestes a passar por idiota, pois estou parado na entrada da casa, fazendo nada além de encará-la. Dou uma olhada para minha casa e me pergunto como posso voltar sem ser visto. Antes que consiga me mover, Caulder e o outro garotinho dão a volta no caminhão de mudança correndo e esbarram em mim, rindo.

— Ela é um zumbi! — grita Caulder, depois que eu os seguro pelas camisas. A garota dá a volta no U-Haul, e eu não consigo deixar de rir.

Ela está com a cabeça inclinada para o lado, andando atrás dele com as pernas esticadas.

— Pegue-os! — grito para ela.

Eles tentam se debater para fugir de mim, então os seguro com mais força. Ergo o rosto, e nossos olhares se encontram.

*Nossa.* Esses *olhos*. São do tom mais incrível de verde que já vi. Tento comparar a cor com alguma coisa, mas não consigo me lembrar de nada. É uma cor tão única, como se os olhos dela tivessem inventado um tom próprio.

Ao observar suas feições, percebo que ela não pode ser a mãe do garoto. Ela parece ter a minha idade. Deve ter no máximo 19 ou 20 anos. Preciso descobrir seu nome. Assim posso procurá-la no Facebook e pelo menos saber se está solteira.

*Nossa.* É a última coisa de que preciso agora. Ter uma *queda* por alguém.

Sinto como se ela soubesse o que estou pensando, então me obrigo a desviar o olhar. O garoto percebe meu momento de distração e se aproveita disso. Ele se solta e me golpeia com uma espada imaginária, então olho para a garota e articulo “socorro” com a boca.

Ela grita “cérebros” novamente e se joga para a frente, fingindo morder o topo da cabeça de Caulder. Faz cócegas neles até os dois derreterem no chão de concreto da entrada da casa, depois ela se levanta e ri. As bochechas ficam coradas quando seus olhos voltam a encontrar os meus, e ela contorce a boca fazendo uma careta de constrangimento, como se tivesse ficado envergonhada de repente. O constrangimento desaparece com a mesma rapidez com que surgiu e é substituído por um sorriso que me deixa com vontade de descobrir cada mísero detalhe sobre ela.

— Ei, meu nome é Will — digo, estendendo a mão para ela. — Nós moramos do outro lado da rua.

Ela aperta minha mão. A dela está macia e fria, e, no momento em que meus dedos a cercam, o contato físico faz um choque percorrer meu corpo. Não lembro a última vez em que uma garota causou um efeito tão imediato em mim. Deve ser porque dormi pouco na noite passada.

— Meu nome é Layken — diz ela, abrindo outro sorriso por causa do constrangimento. — Pelo jeito eu moro... *aqui*. — Olha para a casa atrás dela e depois para mim.

Ela não parece muito contente em morar “aqui”. Surge, no rosto dela, a mesma expressão de antes, de quando estava sentada no caminhão, e, de repente, seus olhos ficam tristes. Por que esse olhar me afeta tanto?

— Bem, seja bem-vinda a Ypsilanti — digo, querendo desesperadamente que aquela expressão desapareça.

Ela olha para baixo, e, constrangido, percebo que ainda estou apertando sua mão. Então puxo a minha depressa e as enfio nos bolsos do casaco.

— Onde vocês moravam?

— Texas? — diz ela.

Por que ela respondeu como se fosse uma pergunta? Será que fiz uma pergunta idiota? Fiz, sim. Estou jogando conversa fora, que idiotice.

— Texas, é? — repito. Ela balança a cabeça, mas não responde. De repente, começo a me sentir um vizinho enxerido. Não sei o que dizer sem que a conversa fique ainda mais constrangedora, então imagino que o melhor a fazer é ir embora. Eu me curvo, pego os pés de Caulder, jogo-o por cima do ombro e digo a ela que preciso levá-lo ao colégio. — Vai chegar uma frente fria essa noite. É melhor descarregarem o máximo possível hoje. Ela deve durar alguns dias, então, se precisarem de ajuda à

tarde, me avisem. Chegaremos em casa lá pelas 4 horas.

Ela dá de ombros.

— Claro, obrigada.

As palavras têm um leve sotaque do sul. Até o momento não sabia o tanto que eu gostava dos sotaques do sul. Continuo atravessando a rua e ajudo Caulder a entrar no carro. Enquanto ele se acomoda, dou uma olhada para trás, para o outro lado da rua. O garotinho está esfaqueando as costas da irmã, que solta um grito de mentira e cai de joelhos. A interação brincalhona dos dois é só mais uma das coisas que me intriga. Depois que ele pula em suas costas, ela ergue o olhar e percebe que estou encarando-a. Fecho a porta de Caulder e vou para o lado do motorista. Antes de entrar, abro um sorriso e aceno, depois sento no carro com a maior vontade de dar um murro em mim mesmo.

Assim que toca o sinal do terceiro horário, abro a tampa do meu café e adiciono mais dois sachês de açúcar. Vou precisar. Tem alguma coisa em alguns alunos do terceiro tempo que me incomoda. Especialmente Javier. Esse garoto é o maior babaca.

— Bom dia, Sr. Cooper — diz Eddie ao se sentar. Ela está toda contente. Mas, parando para pensar, nunca vi Eddie de mau humor. Preciso descobrir qual o segredo, pois está na cara que hoje o café não está sendo suficiente para mim.

— Bom dia, Eddie.

Ela se vira, dá um beijo na bochecha de Gavin e se acomoda. Eles começaram a namorar logo depois que me formei. Os dois são provavelmente as únicas pessoas que *não* me irritam pra cacete nessa turma. Bem, eles dois e talvez Nick. Nick parece legal.

Depois que todos os alunos já estavam sentados, peço para que

peguem os livros. Enquanto dou aula sobre os elementos da poesia, minha mente não para de pensar na nova vizinha.

*Layken.*

Gosto desse nome.

Após seis horas em que pensei na nova vizinha apenas algumas dezenas de vezes, Caulder e eu finalmente chegamos em casa. Fecho a porta do carro e abro a de trás para pegar uma caixa com papéis. Ao me virar, percebo que o irmãozinho de Layken apareceu do nada e está parado na minha frente, me encarando em silêncio. Parece que está esperando que nos apresentemos um ao outro. Vários segundos se passam sem que ele pisque ou mexa um músculo. Será que estamos num impasse? Passo a caixa para o braço esquerdo e estendo a mão.

— Sou Will.

— Kel é nome meu — diz ele.

Fico encarando-o, sem reação. *Será que isso foi mesmo inglês?*

— Sei falar de trás para a frente — diz ele, explicando as palavras confusas que acabou de pronunciar. — Tipo assim: frente para trás de falar sei.

*Interessante.* Alguém que talvez seja mais estranho que Caulder? Não achava que isso fosse possível.

— Kel... conhecê-lo... prazer... um... foi — digo, um pouco mais devagar que ele. O menino sorri e corre para o outro lado da rua com Caulder. Olho para a casa deles e percebo que o U-Haul está estacionado na rua com o trinco fechado. Fico desapontado por já terem descarregado tudo; eu realmente queria ajudar.

Passo o resto da noite fazendo hora extra sem ganhar nada... mais um efeito colateral de ser professor. Depois do banho, decido fazer um desvio

pela sala pela décima vez, mas não a vejo.

— Por que você fica olhando para a janela o tempo inteiro? — pergunta Caulder atrás de mim.

Levo um susto com a voz dele, e então fecho a cortina da sala depressa. Não tinha percebido que ele estava sentado no sofá. Vou até ele, puxo sua mão e o empurro para o corredor.

— Vá para a cama — digo.

Ele se vira antes de fechar a porta do quarto.

— Você estava olhando para a janela porque queria ver aquela garota, não é? Você gosta da irmã de Kel?

— Boa noite, Caulder — digo, ignorando a pergunta.

Ele sorri e fecha a porta do quarto. Antes de ir para meu próprio quarto, me aproximo da janela mais uma vez. Ao abrir a cortina, vejo alguém parado em pé na janela do outro lado da rua, com as cortinas parcialmente abertas. Elas são puxadas de forma brusca, e eu não consigo evitar um sorriso, imaginando se ela está tão curiosa a meu respeito quanto eu estou em relação a ela.

— Que frio, que frio, que frio, que frio, que frio — reclama Caulder, correndo sem sair do lugar enquanto destranco as portas do carro. Ligo o motor e o aquecedor em seguida, e volto para dentro de casa para pegar minhas coisas enquanto Caulder espera no carro. Quando abro a porta para sair de novo, paro imediatamente ao ver Layken na entrada de sua casa. Ela se abaixa, pega um pouco de neve na mão para investigar e depois solta. Ergue o corpo e depois sai, fechando a porta. Balanço a cabeça, sabendo exatamente o que está prestes a acontecer. Está nevando, e ela nem está vestindo um casaco por cima da calça de pijama e da camiseta. Não sei o que essa garota está fazendo, mas não vai aguentar

muito tempo aqui fora. Não está mais no Texas. Ela segue na direção da entrada do carro, e noto seus pés.

Ela está de pantufas? É sério? Antes que eu sequer possa gritar para alertá-la, ela cai de costas no chão.

Esse pessoal do sul. Simplesmente *não* entendem.

No início, ela nem se mexe. Fica deitada na entrada da garagem, encarando o céu. Uma onda de pânico toma conta de mim, achando que pode estar machucada, mas então ela começa a se levantar. Por mais que eu não esteja a fim de parecer um idiota mais uma vez, atravesso a rua para ter certeza de que ela não precisa de ajuda.

A expressão em seu rosto ao tirar um dos duendes de baixo de si me faz rir. É quase como se ela estivesse culpando o coitado pelo seu tombo. Ela puxa o braço para trás e está prestes a arremessar o boneco quando a impeço.

— Isso não é uma boa ideia! — grito, aproximando-me da entrada da garagem. Ela levanta a cabeça e olha para mim, segurando o duende com uma força mortal. — Você está bem? — pergunto, ainda rindo. Não consigo segurar a risada, ela parece estar tão furiosa!

Suas bochechas ficam coradas, e ela desvia o olhar.

— Vou ficar bem melhor depois de arremessar essa coisa.

Ao chegar perto dela, tiro o duende de suas mãos.

— Você não quer fazer isso, duendes dão sorte. — Ponho no lugar o duende machucado antes que ela possa destruí-lo completamente.

— É mesmo — diz ela, olhando para o próprio ombro. — Uma sorte enorme.

Assim que vejo o sangue em sua camisa me sinto culpado.

— Ah, meu Deus, me desculpe. Não teria rido se soubesse que tinha se machucado. — Eu a ajudo a se levantar e dou uma olhada na

quantidade de sangue na ferida. — É melhor fazer um curativo nisso aí.

Ela olha para a própria casa e balança a cabeça.

— Agora não tenho a menor ideia de onde encontrar um.

Olho para minha casa, sabendo que tenho curativos de sobra no kit de primeiros socorros. No entanto, hesito em oferecê-los a ela, pois já estou atrasado para o trabalho.

Fico olhando para casa, sem conseguir me decidir, até que, de repente, todos os meus cinco sentidos são inundados. O cheiro suave de baunilha que permeia o ar ao meu redor... O som do sotaque quando ela fala... O fato de que estar perto dela desperta algo que estava dormente dentro de mim há tanto tempo. *Caraca*. Estou ferrado.

O trabalho pode esperar.

— Venha comigo. Temos uns na cozinha.

Tiro meu casaco, coloco-o ao redor dos ombros dela e a ajudo a atravessar a rua. Tenho certeza de que ela consegue andar sozinha, mas por alguma razão não quero soltar seu braço. Gosto de ajudá-la. Gosto da maneira como ela está encostada no meu corpo. Parece... *certo*.

Após entrarmos em minha casa, ela me segue pela sala enquanto vou até a cozinha atrás de um curativo. Tiro o kit de primeiros socorros do armário e pego um Band-Aid. Ao olhar de volta para ela, vejo que está observando as fotos na parede. As fotos da minha mãe e do meu pai.

*Por favor* não me pergunte sobre eles. *Por favor*.

Não quero ter essa conversa agora. Depressa, digo alguma coisa para desviar sua atenção das fotos.

— Precisamos limpar antes de colocar o curativo.

Arregaço as mangas da camisa, abro a torneira e umedeço o guardanapo. Percebo que estou fazendo tudo com calma apesar de saber que deveria estar correndo. Por algum motivo, tudo o que quero é

prolongar esse tempinho com ela. Não sei por que sinto como se meu desejo de conhecê-la melhor tivesse se transformado numa *necessidade*. Eu me viro para trás, e ela desvia o olhar de mim quando olho para ela. Realmente não entendo por que ela ficou envergonhada de repente, mas isso é charmoso pra cacete.

— Está tudo bem — diz ela, estendendo o braço para pegar o guardanapo. — Eu alcanço.

Entrego o guardanapo a ela e estendo o braço para pegar o curativo. Ficamos num silêncio constrangedor enquanto tento abrir a embalagem. Por algum motivo, sua presença faz a casa parecer vazia e silenciosa. Nunca percebo o silêncio quando estou sozinho, mas a atual ausência de conversa obviamente é bem constrangedora. Penso em alguma coisa para falar e preencher o vazio.

— Então, o que estava fazendo lá fora, de pijama, às sete da manhã? Ainda estão descarregando as coisas?

Ela balança a cabeça e joga o guardanapo na lixeira.

— Café — diz ela, com um tom de voz neutro.

— Ah. Estou vendo que não gosta de acordar cedo.

Espero, secretamente, que seja esse o caso. Ela parece meio irritada. Quero culpar a falta de cafeína, e não o fato de ela não ligar nem um pouco para mim. Dou um passo para perto, a fim de colocar o curativo em seu ombro. Paro por um instante antes de tocar nela e inspiro em silêncio, preparando-me para sentir a agitação que se espalha pelo meu corpo toda vez que encosto nela. Ponho o curativo no lugar e o pressiono delicadamente, apertando as beiradas com as pontas dos dedos. Seus pelos ficam arrepiados, e ela põe os braços ao redor do corpo, esfregando os antebraços.

Eu a deixei arrepiada. Isso é bom.

— Pronto — digo, pressionando uma última e desnecessária vez. —  
Novinha em folha.

Ela limpa a garganta.

— Obrigada — fala, levantando-se. — E eu *gosto* de acordar cedo. Mas só *depois* que tomo meu café.

Café. Ela precisa de café. *Eu* tenho café.

Aproximo-me rapidamente do balcão onde ainda tem um resto de café na cafeteira. Pego uma caneca no armário e a encho, depois a coloco na frente dela.

— Quer creme ou açúcar?

Ela balança a cabeça e sorri para mim.

— Puro está ótimo. Obrigada.

Eu me inclino por cima do balcão e fico observando-a levar o café aos lábios. Ela assopra a caneca delicadamente antes de pressionar os lábios na beirada e toma um gole, sem desviar o olhar do meu.

Nunca na minha vida quis tanto ser uma caneca de café.

*Por que* preciso ir para o *trabalho*? Poderia passar o resto do dia aqui, observando-a tomar café. Ela está olhando fixo para mim, provavelmente se perguntando por que diabos eu a estou encarando tanto. Endireito a postura e consulto meu relógio.

— Preciso ir, meu irmão está me esperando no carro e tenho de trabalhar. Acompanho você até em casa. Pode ficar com a caneca.

Ela olha para a caneca e lê o que está escrito. Nem percebi que lhe entreguei a caneca do meu pai. Ela passa os dedos por cima das letras e sorri.

— Vou ficar bem — diz, levantando-se para ir embora. — Acho que agora já dou conta dessa história de andar ereta.

Ela atravessa a sala, e, enquanto está abrindo a porta, avisto meu

casaco no encosto do sofá. Estendo o braço e o pego.

— Layken, leve isto. Está frio lá fora.

Ela tenta recusar, mas balanço a cabeça e a obrigo a levar meu casaco. Se ela levar o casaco, terá de voltar outra hora para devolvê-lo, e é exatamente isso que espero que aconteça. Ela sorri, joga meu casaco por cima dos ombros e segue na direção da rua.

Ao chegar no meu carro, eu me viro para observá-la andando até sua casa. Gosto de como ela fica, sendo engolida pelo meu casaco por cima do pijama. Quem diria que pijama e pantufas do Darth Vader poderiam ser tão sexy?

— Layken! — grito. Ela se vira antes de alcançar a porta de casa. — Que a força esteja com você! — Eu rio e entro no carro antes que ela possa dizer qualquer coisa.

— Por que demorou tanto? Estou co-co-co-congelando — diz Caulder.

— Desculpe — digo. — Layken se machucou. — Dou marcha à ré e vou para a rua.

— O que aconteceu? — pergunta ele.

— Ela tentou andar no concreto congelado com pantufas do Darth Vader. Levou um tombo e se cortou.

Caulder ri.

— Ela tem pantufas do Darth Vader?

Sorrio para ele.

— Pois é.

## a lua de mel

— Estou adorando ouvir isso — confessa ela, sorrindo ao meu lado na cama. — Então você me achou bonita, hein?

— Não, não a achei bonita. Achei que você era absolutamente linda — corrijo-a. Afasto o cabelo de seu rosto, e ela se inclina para perto da minha mão e beija a palma. — O que você achou de mim?

Ela sorri.

— Tentei não achar *nada*. Me senti atraída por você, mas tinha tanta coisa acontecendo e fazia só cinco minutos que havíamos chegado ao Michigan quando nos conhecemos. Mas acabamos nos encontrando de novo por causa das circunstâncias. Cada minuto que passávamos juntos, eu ficava mais e mais encantada por você.

— Encantada? — Eu rio.

Ela sorri.

— Fiquei *tão* encantada por você, Will. Especialmente depois de ter me ajudado com o curativo. E depois que fomos ao mercado juntos.

— Acho que nós *dois* ficamos encantados depois do mercado.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

# Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Essa Garota"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

## Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).